





Pode ser tarde, mas não é tarde demais!

# AS NUVENS DE HAMBURGO

Pedro MR Cipriano

**Ficha Técnica:**

**Título Original:** As Nuvens de Hamburgo

**Autor:** Pedro MR Cipriano

Copyright © Pedro MR Cipriano

Copyright © Nova Geração

**Coordenação Editorial:** Tânia Roberto

**Revisão:** Tânia Roberto e Ana Domingues

**Edição:** Tânia Roberto

**Design/Diagramação:** Tânia Roberto

**Capa:** Tânia Roberto

**Imagem de Capa:** Pixabay

**1ª Edição:** setembro de 2023

**2ª Edição:** setembro de 2023

**Reimpressão:**

**Acabamento/Impressão:**

© 2023

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação do autor ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Por decisão expressa do autor, a presente obra respeita a grafia anterior ao Acordo Ortográfico de 1990.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

**ISBN:** 978-989-9166-29-5







# *Veddel*







O meu coração dispara. Há duas bandeiras gémeas e descomunais adejando no edifício em frente. Reconheço aquele vermelho vivo e a suástica preta na circunferência branca.

Pisco os olhos. O que observo faz-me estremecer. À minha frente há apenas um prédio residencial de tijolo vermelho. Não sei ao certo quanto tempo terá durado esta impressão, mas tenho a certeza que não foi mais do que um par de segundos. Tão efêmera, contudo tão real. Como estudante de História, sei que o uso da suástica está proibido em toda a Alemanha desde o final da Segunda Guerra Mundial, há quase setenta anos.

— Estarei a ficar doida?

Solto o ar com lentidão, acredito que a visão se deve às horas de sono em falta. Inspiro profundamente e fecho os olhos. Quando descerro as sobrancelhas, não há nada de estranho no meu campo de visão.

Afasto-me da janela. A mala aberta e caótica está no meio do quarto. Sorrio. A batalha para entrar em Erasmus fora dura e vitoriosa. Agarro nos *jeans* e enfio-os dentro do armário. Pondero se deveria telefonar para casa para avisar que chegara bem. Encolho os ombros, um *e-mail* vai ter de chegar. Uma conversa telefónica arruinar-me-ia tanto o saldo como a paciência.

O quarto cheira a pintado de fresco. Para além do roupeiro embutido na parede, a cama num canto e a secretária noutro, não há mais peças de mobília. O anúncio dizia que o quarto tem dezassete metros quadrados, quase o dobro do que estou habituada. Tanto espaço deixa-me desorientada com as possibilidades em aberto. A renda também não é má.



— Ó Marta, porquê Hamburgo? Isso fica tão longe! Não podias arranjar um sítio mais perto para estudar? — perguntou-me a minha mãe, no mesmo tom em que me pergantara o porquê de ter escolhido uma Licenciatura em História.

— Eu escolhi a Alemanha porque tem uma história fascinante e um grande impacto na Europa — defendi-me, com pouca esperança que aceitasse o argumento.

— Ganha juízo. Ando aqui a pagar rios de dinheiro para tu tirares um curso da treta e agora queres ir estudar para o estrangeiro e gastar ainda mais? Achas mesmo que vais conseguir arranjar trabalho com isso? Nós não somos milionários!

Não consegui aguentar mais e virei-lhe as costas. Fui trancar-me no quarto, o mais rápido que consegui, para poder chorar à vontade.



Com os olhos húmidos, penduro o casaco. Tenho a impressão que aterrar em Hamburgo não é o fim da história. A guerra psicológica continuará. Esqueço a mala e retiro o portátil da mochila. Sobre a secretária está um papelinho com a palavra-passe da rede sem fios. O dono do apartamento organizou tudo para que eu não tivesse de o perturbar. Assim que me ligo à Internet, início logo a plataforma de jogos *online*. Os meus pais odeiam que eu jogue e se calhar é por isso que também não arranjo namorado. Quem é que precisa de um quando eles têm tendência para te controlarem a vida? A minha equipa não está ligada; sete da noite é demasiado cedo.

Penso no jantar. Há um supermercado nas redondezas, contudo a *pizzaria*, que fica quase em frente, é a opção mais atractiva e cara. Um dia não são dias. Olho de relance para a mala semi-desfeita no centro do quarto, considerando que as arrumações podem esperar. Minimizoo o jogo e abro o navegador. A primeira aba carrega a rede social e não resisto em anunciar ao mundo virtual que acabei de chegar a Hamburgo. As reacções positivas não se fazem esperar.

— Achtung! — Ouço um altifalante anunciar, seguido de uma centena de botas a bater na calçada.

Num instante, aproximo-me da janela. Lá fora, o mesmo edifício continua mergulhado na escuridão. Não se vê viva alma. Franzo as sobrancelhas.

— Mas que raio?

Passei a última noite em branco. A discussão com os meus pais foi tremenda. Eles até se recusaram a levar-me ao aeroporto, obrigando-me a apanhar um táxi. Descolei de madrugada e não tive um momento de descanso durante o dia.

Se calhar preciso de dormir mais. Não sei se as alucinações se devem aos jogos ou às aulas. Decido jogar menos e tentar dormir mais uma hora por noite. Levanto-me, bloqueio o ecrã e começo a arrumar o resto da roupa. Agarro várias peças de cada vez e coloco-as um pouco ao calhas dentro do roupeiro.

Os olhos pesam-me. A cabeça trabalha a cem à hora. Só quero encontrar uma explicação plausível para o que acabou de acontecer. Dou voltas e voltas, sem chegar a lado nenhum.

Esta ânsia não me deixa realizar a simples tarefa de arrumar a mala, largo a camisola que tenho na mão. Agarro no casaco e visto-o. Calculo que lá fora estejam uns dez graus a menos que em Portugal. Preciso de ir lá abaixo. Agora! É a minha sanidade que está em jogo. Volto a espreitar pela janela. Tudo parece normal. Meto as chaves que estão sobre a cama no bolso e saio.

O prédio em que me hospedei tem quase cem anos e, apesar de renovado com todos os confortos modernos, não possui elevador. Ainda por cima, tive o azar de ficar no quarto andar, o último habitável.

Início a descida, dois degraus de cada vez. Em trinta segundos, estou na rua principal. Mesmo sendo oito e meia, já há poucos transeuntes no passeio. Contorno o bloco e dirijo-me às traseiras, na direcção do parque que fica entre o meu prédio e o das minhas alucinações.

O jardim sumiu. Nem mesmo o velho que passeava por ali se encontra presente. Foram substituídos por uma enorme praça onde vários veículos com o formato de focinho-de-cão estão estacionados. As lâmpadas são diferentes, muito mais amareladas. Os enormes estandartes nacional-socialistas mantêm-se no mesmo sítio. Vêm-se luzes em metade das janelas. No topo do prédio há uma enorme estátua da águia alemã pousada sobre outra suástica. Um arrepio desce-me pela espinha.

Avanço, com atenção a qualquer movimento. Pisco os olhos com força e esfrego-os com os indicadores. As bandeiras vermelhas continuam lá. Não sei como é possível, visto que todos os símbolos do Terceiro *Reich* estão banidos e o seu uso criminalizado. Além disso, aqueles carros têm no mínimo uns setenta anos. Dou um passo em frente. Tenho de lhes tocar para ter a certeza de que são reais.

Ouçó um motor e um par de luzes vindo de uma entrada lateral inunda o estacionamento. O carro pára junto à entrada e, de lá, saem três homens de farda que arrastam um civil para dentro do prédio.

Observo atónita enquanto o veículo prossegue, indo estacionar num dos lugares vagos. Um jovem militante, numa farda castanha, tranca a porta ao sair.

Os nossos olhares cruzam-se. É melhor meter-me a andar, decido, contudo, os pés decidem ficar colados ao chão. Ele avança na minha direcção.

— *Fräulein, bitte...*

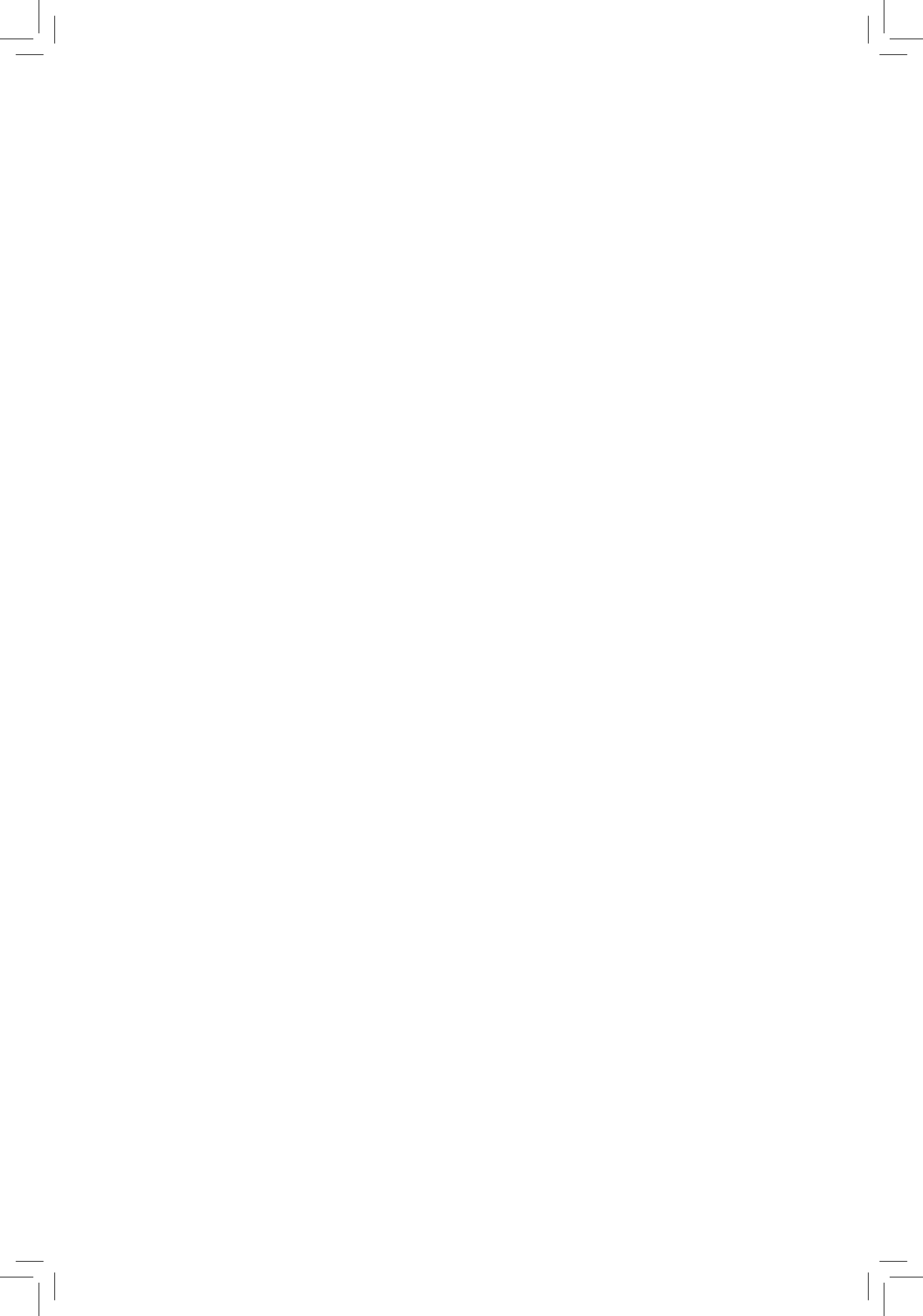
Engulo em seco. O jovem leva a mão à cintura. Procura algo. Uma dose de adrenalina percorre-me o corpo. O coração falha uma batida quando constato

que o homem empunha uma arma. Viro-me e desato a correr na direcção de onde tinha vindo. Ouço passos acelerarem atrás de mim. Vai haver um disparo a qualquer momento.

Olho para trás. O choque é violento. Um objecto de plástico no pavimento. Desequilíbrio-me e caio, assim como o desconhecido. Sem me preocupar com o barafustar zangado do homem de meia-idade, lanço outro olhar sobre o ombro. Estremeço. O jardim voltou a ocupar o espaço. O alemão agarra no seu telemóvel de última geração e reclama mais uma vez, apontando para a amolgadela no canto. Ignoro e reviro os olhos.

Continuo a observar a praça, mesmo após ficar sozinha, espero e temo que a mesma volte a desaparecer para dar de novo lugar ao homem que me perseguia. Sinto um desconforto no cotovelo, uma arranhadela, o menor dos meus problemas. O que acabou de acontecer parece-me tão real, mas, ao mesmo tempo, não tenho provas concretas de que realmente ocorreu. E se isto tudo está só na minha cabeça? De pé observo o jardim até que o frio domine todo o meu ser. Desconfio que não conseguirei dormir.





# *Hammerbrücke*







O comboio pára na estação anterior àquela em que costumo sair.  
— *Dieser Zug endet hier, bitte alle aussteigen!* — informam os altifalantes.

Fixo o olhar na direcção do som, na esperança de compreender o que havia sido dito. As pessoas começam a sair. Deixo-me ficar no banco, como se a minha teimosia pudesse fazer o comboio avançar. Assim que o último passageiro abandona a carruagem, sigo-o para não ficar sozinha. Quando meto os pés na plataforma, percebo que o comboio vai voltar para trás.

Relembro algo que havia sido anunciado na estação principal. Sopro com força o ar dos pulmões. Talvez, no fim de contas, os meus pais tenham razão. Se for o caso, é a primeira vez em anos. Aventurei-me num país desconhecido sem ter aprendido a língua na esperança de que todas as pessoas falassem inglês. Podia ter tido umas aulas em Portugal, mas quem é que as conseguia pagar?

As primeiras aulas, oferecidas pela universidade, estão a ajudar-me, mas não me chegam para compreender as gravações automáticas dos transportes públicos. Cada palavra nova é um martírio e, apesar de andar com o dicionário na mala, muitas vezes nem consigo transliterar os sons. No fim de cada dia, tenho sempre uma dor de cabeça para me adornar o serão.

Ouçó os motores de um avião aqui perto. Quando olho para o céu, já o som desapareceu.

— Que raio! — murmuro.

Como é que o som surgiu e desapareceu no intervalo de um par de segundos? Sustenho a respiração, recordando-me do que aconteceu há pouco mais de uma semana. Após uma noite quase em branco, cheguei à conclusão de que só podia ser um delírio. Passo a mão pela testa e por uma das pálpebras. As pernas tremem e palpita-me que não é do frio. Sinto os joelhos a enfraquecer, o que me obriga a cambalear até me sentar num banco.

Desejava que, pelo menos, os alemães falassem inglês. Alguns até falam, mas os habitantes da margem sul do Elba são na maioria emigrantes, a ponto de ser mais fácil encontrar quem fale português do que inglês. Devia ter ficado perto do Stadtpark com o resto do pessoal de Erasmus, ao menos tinha sempre companhia para casa.

Com novos passageiros, o comboio coloca-se em movimento na direcção da estação central. Uma pequena multidão abandona o apeadeiro elevado. Conto mentalmente até três e levanto-me. Desço as escadas e abandono a estação que fica dois andares acima da rua.

À saída, num largo, concentra-se quem não pode seguir viagem. Não sei se haverá um transporte alternativo. À falta de melhor, vagueio por entre os transeuntes, procurando uma língua familiar. De um lado vem espanhol, do outro turco. Ouço italiano e também algo que pode muito bem ser grego. Até que...

— Não sei, o Rui saiu meia hora antes de mim — explica um trintão, com um boné vermelho na cabeça.

— Eles só fecharam às sete. A esta hora já deve estar em casa... — acrescenta uma mulher baixa e forte.

Fico a observá-los de queixo caído. Sei que não é extraordinário ouvir a minha língua materna aqui; contudo, estranho por ser a primeira vez. Quando me dou conta, tinha-me aproximado do trio e os olhares deles estão fixos em mim. Deduzo que estou a passar uma imagem fantástica da minha pessoa.

— Boa noite, desculpem, podem-me dizer o que se passou com os comboios?

— Encontraram uma bomba e decidiram cortar o tráfego da ponte — responde o mais velho, alisando o bigode.

Franzo o sobrolho, não acredito que posso estar prestes a assistir a um atentado. Não devia haver mais polícia por aqui?

— Como posso ir para Veddel?

— Ui, só lá vais de táxi! — sugere o de boné.

Nem sequer vou ao bolso das calças contar as moedas. O ar está frio e começa a gelar-me as mãos.

— E a pé?

— A pé não vais lá não! É justamente a ponte que liga Hamburgo a Veddel que está cortada. Seria preciso dares uma volta do catano para lá chegares...

— Ah! — expiro devagar. — Obrigado, então... E boa noite.

Volto as costas aos imigrantes. Subo para a plataforma, para me resguardar do frio.

A sirene faz-se ouvir e um holofote varre os céus.

Um piscar de olhos. Nada! Nem sirene, nem holofotes. Agarro-me ao corrimão da escada, sentindo a pulsação a acelerar. Da outra vez, também tive dois avisos antes de ser enviada, ou achar que fui, para o passado. Ainda agarrada ao corrimão, deslizo lentamente para o chão até colapsar nos degraus da escada. Uma lágrima nasce-me no canto do olho. Tudo parece tão

real. Nem posso confiar nos meus sentidos. Se ao menos pudesse desabafar com alguém...

O som de travagem faz-me levantar a cabeça. Um autocarro acaba de parar e um aglomerado que nunca lá caberia dentro acumula-se junto às portas. Nem me dou ao trabalho de me levantar. Após muita confusão, muito contrária à organização alemã, a camioneta parte completamente cheia. No largo continua uma pequena multidão.

Limpo as bochechas, satisfeita por ninguém ter reparado em mim, e deixo-me ficar sentada. Daqui a alguns minutos, vou colocar-me junto à berm-a e apanhar o próximo transporte de substituição. Talvez só seja enviada para o passado se me afastar das pessoas. Ou então, estou a ficar com falta de parafusos.

Ergo-me decidida e passo pelo meio dos imigrantes, sempre com o ouvido à coca para línguas familiares. Acheço-me bem à frente para assegurar que não perco a próxima oportunidade de sair daqui. A rua está praticamente deserta de viaturas. As pessoas, com compras e até com carrinhos de bebé, continuam a conversar entre si.

O frio é o mesmo. A escuridão é muito mais densa. O prédio em frente deixou de ter um restaurante italiano no rés-do-chão e algumas luzes nos andares superiores para se tornar numa ruína. A ponte e a estação haviam desaparecido. Alguns focos potentes vasculham os céus. O som de motores zumba sobre a minha cabeça. Observo o firmamento, sem conseguir localizar o ruído que parece vir de todas as direcções. Não há vitalma na rua.

Ouç-o um estrondo e depois outro. Foi aqui perto. Não faço ideia se é o explodir de bombas ou anti-aéreas a alvejar as aeronaves. O negrume oprime-me os sentidos. Detecto um par de sombras que se aproximam, vindos da direita. Fico que nem uma estátua, esperando que eles não me tenham visto. Uma luz incide sobre eles. São soldados.

— Merda! — articulo, ao perceber o sarilho em que estou metida.

Tento prever o que pode acontecer caso eles me interpelem. Tendo em conta a época em que vim parar, nenhuma das possibilidades me parece promissora. O coração está aos pulos no peito. Assumo que só falam alemão, o que ajuda imenso. Recordo-me de uma passagem que li, que relata as execuções de quem andasse na rua durante um bombardeamento. As opções escasseiam. Os destroços pela altura da cintura, aqui ao lado, parecem-me a melhor alternativa. Sustenho a respiração, atravesso a estrada e escondo-me por detrás do muro em ruínas. Com sorte, não darão por mim.

Como os passos se aproximam mais rápido do que previra, passo para o pedaço de muro seguinte. Constato não haver muito mais onde me esconder.

Agachada, desloco-me para o último. Os militares gritam qualquer coisa. Olho por cima do ombro, não há nenhum abrigo decente entre os escombros.

Os soldados detêm-se em frente ao esconderijo. Metem-se de novo em movimento. Parece que se movem em direcções opostas. Estão demasiado perto, não me atrevo a espreitar. E se eles me estiverem a cercar? Sigo o som das botas no pavimento. Está um de cada lado, tenho de mudar de sítio.

Ergo-me e lanço-me para a frente. Nesse momento, há uma explosão, e caio desamparada.

Sinto uma dor aguda no braço, o mesmo que magoei na semana anterior. Há dezenas de olhos cravados em mim. Apesar das escoriações, levanto-me com rapidez. Contenho as lágrimas para não chamar mais atenção. Ainda atordoadada, volto ao interior da estação. Os passos que dou são inconstantes perante os tremores do meu corpo.

Pouco depois, anunciam pelos altifalantes que a circulação será restabelecida. Espero pacientemente que o comboio surja e sou uma das primeiras a meter-se no seu interior. Nem todos têm lugar, obrigando os seguranças a manter a ordem. Isto nunca aconteceria numa zona com mais alemães já que, assim que fosse quebrada a primeira regra, haveria logo quem barafustasse. Demora uns bons minutos para que as carruagens fechem as portas e se coloquem em movimento. Observo a situação como se de um filme se tratasse. A viagem dura meia dúzia de minutos e são precisos outros tantos para que chegue ao meu quarto.

O espelho da entrada mostra-me a maquilhagem esborratada e o cabelo desalinhado. Ligo o portátil sem querer saber da ferida no cotovelo. Procuro notícias recentes com as palavras-chave: bomba e Hamburgo. Os resultados deixam-me sem reacção. Abro outro e outro *site*, mas todos dizem o mesmo: operários encontraram uma bomba da Segunda Guerra Mundial que esteve enterrada quase setenta anos junto aos pilares da ponte, obrigando ao corte de todo o tráfego.





# *Dammtor*







Saio na estação mais próxima da universidade. Apesar do frio que já se faz sentir em Outubro, a caminhada pela avenida ladeada de árvores é agradável. A temperatura ainda não é demasiado baixa. No entanto, se estivesse em Portugal, ainda andaria de manga curta.

Reparo nas placas de bronze incrustadas no pavimento. Eram seis, cada uma com um nome, duas datas e um local. Numa visita ao Museu da História de Hamburgo, que me causara bastante nervosismo injustificado, aprendi que cada inscrição se refere a um judeu que foi detido num campo de concentração. Quase todas as ruas as têm. Sorri. Apesar de estar numa licenciatura em História, por vezes, aprendo mais fora da sala de aula.

A minha paixão pela História é a única coisa que me faz enfrentar a universidade. A pressão por não querer fazer parte da praxe determinou logo de quem podia ser e não amigo. Para grande alívio meu, aqui essa tradição estúpida não existe.

Sem aviso, surge um camião militar no meio da estrada. O veículo ostenta um logótipo da Mercedes no focinho e o modelo é bastante antigo, apesar de parecer ter acabado de sair da fábrica. Leva várias pessoas na carroçaria, algumas delas armadas e de uniforme preto. As outras estão vestidas à civil. Os ocupantes seguram-se nas barras superiores.

E, num piscar de olhos, desaparece. Apoio-me no muro mais próximo. Após um dia inteiro no museu sem qualquer visão, esperava que não voltasse a acontecer. Apercebo-me que o coração está a mil e tenho dificuldade em respirar.

Pondero se deveria voltar atrás, acabando por ficar no mesmo sítio.

Não tenho nada de importante para fazer, visto que as aulas só começam a meio de Outubro, um mês mais tarde que em Portugal. Entretanto, vou passeando e tendo aulas de alemão. Combinei com a Eleni para estudarmos juntas daqui a meia hora. Como a universidade está a dez minutos de casa sem sequer ter de mudar de linha, não havia razões para ficar a estudar sozinha.

Não sei como controlar estas viagens. Aliás, duvido que tenham de facto acontecido e receio contar a alguém. Falar disso nas conversas diárias que sou obrigada a ter com os meus pais está fora de questão. A notícia da descoberta da bomba não me convenceu. É possível que o meu inconsciente tenha

captado a informação necessária para criar a alucinação. Este tipo de conclusões não me deixa nada descansada. Se eles soubessem...

— De qualquer maneira, não posso controlar isto — murmuro, determinada a continuar caminho.

Retomo a caminhada, passando em frente ao edifício principal da universidade. A frente está decorada num estilo neoclássico com pilares jónicos. Dou por mim a pensar na Grécia antiga. Suspiro, desejando que os meus pais não questionassem todas as minhas escolhas. Quando é que eles vão perceber que a filha cresceu?

— Com tanta coisa interessante para ver no passado, tinha de me calhar o Terceiro Reich ... — comento, em voz baixa.

Em passos apressados, passo pela biblioteca, um prédio moderno e envidraçado, com estudantes no interior. Observo com fascínio, imaginando a informação que deve conter no seu interior. Fiquei mais animada desde que li o programa de estudos alemão. Nem se compara com o ensino retrógrado que se faz em Portugal. Até o tema mais aborrecido parece interessante. A bolsa de *Erasmus*, somada ao que ganhei durante o Verão a montar e desmontar guarda-sóis, permitiu-me desafiar a vontade dos meus pais. Se tivesse mais dinheiro e não fossem estas malditas alucinações, mudava-me hoje para a Alemanha.

Chego ao triângulo de relva protegido por uma dezena de árvores, separado da estrada só pelo passeio. As primeiras folhas amareladas caem e não há marcas de ninguém cortar caminho. *Havia de ser em Portugal*, penso. A área é considerável, estimo ser uns cinquenta metros de comprimento por uns trinta de largura. Ervas daninhas espalham-se pela relva, que aparenta não ser tratada.

A cerca de arame farpado surge, assaltando-me a atenção. Estende-se à volta de toda a praça com uma altura superior à de qualquer pessoa. Numa das extremidades há um portão. A relva mutara-se em terra batida.

E, num instante, tudo desaparece. Forço-me a respirar de um modo profundo, sentindo o ritmo cardíaco a acelerar de novo. O pior disto é acontecer sem qualquer aviso. Para mais, não sei o que acabei de ver. É possível que seja no fim dos anos trinta ou no início dos anos quarenta.

Cautelosa, aproximo-me. Uma pedra gigante e várias placas marcam o local como sendo a Praça de Deportação dos Judeus. Não conheço em que moldes é que a praça ficou conhecida com este nome, mas não é necessário ser um génio para ter uma ideia. O meu instinto diz-me para recuar e eu obedeco. Passo a passo, afasto-me do memorial. *Se tenho de me afastar de todos os locais históricos*, penso, *lá se vai o curso por água abaixo*.

Pondero se deveria passar a estrada, mas as cinco faixas não me parecem fáceis de atravessar. Considero voltar atrás, mas acabo por apressar o passo, decidida a afastar-me do jardim o mais depressa que conseguir.

Uma campainha toca atrás de mim, o que me faz saltar para o lado. Uma bicicleta passa a alta velocidade, evitando a colisão por uma unha negra. Sem me aperceber, achei-me tanto à estrada que me meti na ciclovia, marcada com pavimento vermelho. Hesito, antes de voltar ao passeio dos peões, que fica mais perto do jardim.

Quase embato na cerca metálica, estacando à beira dela. Agrupados no interior há dezenas de homens, mulheres e crianças com um ar miserável. Estão vestidos com roupas maltratadas e acompanhados por parques pertencentes. Os seus olhares transmitem todos o mesmo desalento. Vários guardas armados asseguram que ninguém tenta escapar, o que aliás é improvável, dado que o arame farpado no topo da cerca desencoraja os mais destemidos. A terra está comprimida pelos inúmeros pés que a pisam.

Um camião com mais prisioneiros acaba de estacionar. Apesar disso, todas as atenções se centram em mim. Um dos soldados que guarda o portão encaminha-se na minha direcção. Dou um passo atrás. Nem uma dezena de metros nos separam. Distingo as feições dele com uma nitidez assustadora.

É novo, deve ter a mesma idade do que eu, e ostenta o uniforme negro com um orgulho que transpira por cada pôro. A jovialidade que lhe está no corpo já há muito lhe abandonou o olhar. A faixa vermelha com a suástica envolve-lhe o antebraço esquerdo. E depois há a arma, uma enorme metralhadora pendurada ao ombro. Não consigo desviar os olhos. Sinto-me hipnotizada como um rato perante uma serpente.

— *Fräulein, bitte...*

Dou um passo em frente. Quero responder-lhe, mas não me vem nada à cabeça.

Uma colisão atira-me ao chão. O embate com o solo compactado tira-me o ar dos pulmões. Outro corpo cai sobre o meu. Sem ver, empurro-o para o lado, num esforço para me libertar, dando de caras com um jovem. Esperneio até me conseguir levantar, para dar conta de que os prisioneiros e a cerca desapareceram. Reparo que o rapaz me fixa com o olhar esbugalhado.

— Desculpe! — balbucio, em inglês, sem saber como me livrar do embaraço.

— Sem problema — responde-me, em alemão.

Noto que as palavras não são sinceras. Encolho os ombros, vou ter de me habituar. Caminho como um autómato até conseguir encontrar um banco. Colapso na paragem de autocarro, sem forças para reagir. Esforço-me por

reter as lágrimas. Como é possível que mais ninguém veja o mesmo que eu? Isto é demasiado irreal para poder ser verdade.

Quando o autocarro chega, entro nele sem hesitar. Não tenho vontade de voltar a passar naquele local nem cabeça para estar na universidade. Nem mesmo a possibilidade de conhecer o pessoal que chegou ontem me demove. Só quero ir para casa e enfiar-me na cama. Poder chorar sem ter ninguém a olhar para mim. Abandono o transporte na estação e apanho o metro na direcção do centro.





# *Hauptbahnhof*



